

Ideias

EM REVISTA

Revista bimestral do Sindicato dos Servidores das
Justiças Federais no Estado do Rio de Janeiro
ANO VI – nº 41 – junho e julho de 2013

Foto: Valter Campanato/ABr

Manifestações de um Brasil rebelde



O gigante acordou. E agora?



Textos e Fotos de
Vinicius Souza e Maria Eugênia Sá
(MediaQuatro – <http://www.media-quatro.com>)

O Brasil está numa encruzilhada entre a possibilidade de um golpe de direita gestado na mídia e no Judiciário; e o aprofundamento da democracia participativa com o fortalecimento das ideias de esquerda. Cabe a nós disputar o discurso nas redes e nas ruas para garantirmos, em 2014, a voz das urnas

Junho de 2013 é um mês que não será esquecido tão cedo. Pela primeira vez desde a campanha pelo *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, centenas de milhares de pessoas foram (e algumas continuam indo) às ruas gritar por direitos, por projetos, protestar contra uma infinidade de fatos e apoiar causas das quais muitas vezes não têm a mínima informação. Os grupos que iniciaram esses protestos, como o Movimento Passe Livre (MPL), perderam rapidamente o controle e o rumo das massas. Percebendo a chance de aproveitar as passeatas para desgastar o Governo Federal, a grande mídia muda radicalmente seu discurso (literalmente do dia para a noite) e propaganda bandeiras

ras mais do que suspeitas, de modo a contemplar interesses específicos e diluir tudo mais numa pauta infinita de reivindicações abstratas.

Jornais, revistas e tevês usam todo o seu conhecimento sobre o funcionamento da Indústria Cultural, construído ao longo de mais de 100 anos, para introduzir, como gritos de guerra, *slogans* vazios retirados de propagandas comerciais como “o gigante acordou” (Johnny Walker – “estranhamente” semelhante às palavras de ordem evocadas na fática Marcha da Família com Deus

pela Liberdade, de 1964) e “Vem pra rua” (Fiat). Ato contínuo, policiais à paisana e grupos de extrema direita, como *skinheads*, se infiltram nas manifestações incitando atos de vandalismo de jovens pobres sedentos por adrenalina e expulsando, com grande violência, ativistas de partidos de esquerda que nunca dormiram ou saíram das ruas. As bases para um golpe jurídico/midiático no estilo dos realizados recentemente no Paraguai e Honduras estão lançadas, sob os aplausos de uma oposição sem projeto, apelo ou apoio popular. Mas, num

gesto de argúcia política, a presidenta Dilma Rousseff vira o jogo em dois discursos e uma série de reuniões com movimentos e partidos, usando a vontade de participação direta da população na política para impulsar projetos discutidos sem resultado há décadas no Congresso Nacional.

Uma coisa não se pode negar aos meninos do MPL: eles trouxeram de volta às ruas e às redes o ato de discutir política, um tema quase tabu até ontem, mesmo nas mesas de bar. E, ainda mais incrível, no meio de um torneio mundial de

Uma coisa não se pode negar aos meninos do MPL: eles trouxeram de volta às ruas e às redes o ato de discutir política, um tema quase tabu até ontem, mesmo nas mesas de bar



Manifestantes ocupam ruas, praças e viadutos

futebol vencido por um bom time brasileiro, como há décadas não se via. Isso não é pouco se pensarmos que a moçada, especialmente da “nova classe média”, cresceu ouvindo dizer que somente Carnaval e futebol unem o Brasil; que todo político é ladrão e que não existe mais esquerda e direita. Por isso vídeos simples e diretos, como o do PC Siqueira (<http://www.youtube.com/watch?v=UivDtWb7K48>) são fundamentais para explicar conceitos básicos que a maioria não aprendeu na escola e que muitos não discutem nas universidades privadas que os preparam “para o trabalho” e não para a cidadania.

Do virtual para a realidade

Os “memes” de Internet, como o vídeo citado, sátiras, cartuns e outras formas de expressão de ideias na rede fazem parte da cultura dessa juventude e a impulsionou para além das telas, alcançando as praças e avenidas. Obviamente, a indústria do Marketing descobriu seu potencial de mobilização (pela vertente do consumo) antes dos cientistas políticos. Um exemplo do ativismo que

saiu do Facebook e influiu decisivamente na política real foi o evento “Amor Sim, Russomano Não”, que ajudou a desmascarar uma candidatura de direita apoiada pela Igreja Evangélica, que queria transformar cidadãos em “consumidores de serviços públicos”. As festas na Praça Roosevelt, rebatizada Praça Rosa, com mais de 20 mil pessoas, apesar de “apartidárias”, empurraram o candidato do PT, Fernando Haddad, à vitória nas eleições para prefeito de São Paulo. As tentativas do PSDB em criar seus próprios eventos nos mesmos moldes não conseguiram juntar mais do que 200 apoiadores na praça. Assim, o território virtual segue numa imensa disputa pelos corações e mentes das novas gerações.

A tomada das ruas por centenas de milhares de pessoas, contudo, não pode ser atribuída exclusivamente às redes sociais. O conhecido e longamente estudado papel dos oligopólios dos meios de comunicação de massa no imaginário e nas ações das populações tem se destacado mais uma vez. O claro ponto de inflexão foi a semana de 10 de junho, quan-



Polícia impede a entrada de manifestantes no Parque Dom Pedro



Na TV Globo e nos jornais Folha e Estadão, editoriais exigindo da polícia e dos governos “medidas enérgicas” para devolver aos cidadãos de bem o “direito de ir e vir”

do a Veja São Paulo trazia que “a cidade” “pagava o pato” pelas manifestações, Arnaldo Jabor chamava os manifestantes de criminosos. Na TV Globo e nos jornais Folha e Estadão, editoriais exigindo da polícia e dos governos “medidas enérgicas” para devolver aos cidadãos de bem o “direito de ir e vir”, com seus carros. Seu enclave simbólico era a avenida Paulista, que não podia ter o tráfego interrompido devido aos diversos hospitais na região. Depois de segunda, 17 de junho, a via foi fechada praticamente todas as noites, sem que se saiba notícia de um único paciente em ambulância que tenha morrido por causa disso.

A esquerda organizada sempre esteve presente nos movimentos sociais e nas ruas, sem, no entanto, conseguir contagiar as “massas” depois da redemocratização. E quando conseguia números expressivos de

participação popular em marchas que cortaram o país, normalmente era reprimida e jamais devidamente representada nos telejornais. Vereadores e deputados do Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, sofreram o mesmo peso da PM e da Guarda Civil Metropolitana, com bombas de gás e balas de borracha, ombro a ombro com integrantes do MPL quando o ex-prefeito Gilberto Kassab (sucessor de José Serra) aumentou as tarifas de ônibus acima da inflação em 2011. Obviamente isso não saiu no Jornal Nacional, da Rede Globo. Mas quando o governador Geraldo Alckmin, do PSDB, manda no dia 13 a Cavalaria, a Tropa de Choque e os batalhões do Tático Móvel e Rocam lançarem sua violência indistintamente contra manifestantes, transeuntes e até contra a grande mídia, ferindo vários jornalistas da Folha de S.

Paulo, a coisa mudou de figura. É impagável a cena do âncora da Band, Boris Casoy, que teria perentendo, no final dos anos 1960, ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC) da Universidade Mackenzie, tendo de admitir, com voz trêmula, que a polícia atirou primeiro e usou força excessiva.

Mídia detém a agenda e a pauta política

Sem condição de segurar a torrente de vídeos e fotos da violência policial, a imprensa muda de estra-

tégia. As manifestações passam a ser retratadas como grandes contingentes cívicos, pintados de verde e amarelo, tentando segurar pequenos grupos de vândalos desordeiros, esses sim merecedores de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Ao mesmo tempo, a pauta muda. Já não se trata mais dos preços das passagens e da repressão oficial que continua a matar nas periferias, mas “contra tudo o que está aí”, “tanta coisa que não cabe num cartaz”, brasileiros patriotas contra os “desmandos” e a “corrupção” do governo, especialmente o Federal. Arnaldo Jabor pede desculpas na CBN por chamar os manifestantes de criminosos para emendar que a causa “real” dos protestos é a insatisfação geral com os governantes e, vejam só, a “inflação”.

Entre todas as pautas oportunistas, no entanto, a escolhida como primeira grande meta é a derrubada, no Congresso, da Proposta de Emenda Constitucional número 37, a PEC37, que regulamentaria as atividades do Ministério Público. Chamada maliciosamente de “PEC da Impunidade”, era apresentada como o fim das investigações sobre políticos corruptos. Nenhum grande meio de comunicação disse à população que os partidos contrários à proposta, especialmente DEM e PSDB, estavam entre os três (junto com o PMDB) que tiveram mais parlamentares casados por corrupção nesse século.



Com o apoio da imprensa, protestos isolados tornam-se catárticos, arregimentando centenas de milhares de pessoas que gritam contra os partidos e levantam bandeiras fascistas que incluem a volta dos militares ao poder



Negociação entre manifestantes e polícia

Não houve qualquer tipo de discussão ou debate mais profundo sobre o tema, mas em questão de horas dezenas de milhares de cartazes bem feitos, laminados em plástico, e grandes faixas “plotadas” em material nobre foram distribuídos entre os manifestantes de Norte a Sul do Brasil. Ninguém disse quem pagou por isso, mas as tevês fizeram questão de mostrar a “reivindicação cívica da população” em seus noticiários e nas bocas dos comentaristas. Pressionado pela mídia, o Congresso votou em peso contra a proposta.

Com o apoio da imprensa, protestos isolados tornam-se catárticos, arregimentando centenas de milhares de pessoas que gritam contra os partidos e levantam bandeiras fascistas que incluem a volta dos militares ao poder, a diminuição da maioria penal, a pena de morte, a criminalização do aborto... A eles se somam cartazes contra a importação de médicos estrangeiros, por hospitais com “padrão FIFA”, contra o “Ato Médico”, por mais Saúde e Educação, contra o pastor/deputado Marcos Feliciano, pela liberação da maconha, contra a Copa do Mundo, pela prisão dos “mensaleiros”, contra a Usina de Belo Monte, pelo *impeachment* da presidenta e uma infinidade de outras. É importante notar, contudo, que os oligopólios midiáticos, assim

como a esquerda, não têm controle sobre temas, tamanho o impacto real das manifestações.

A retomada da pauta

Diferentemente do resto do Mundo, em que os meios de comunicação de massa unidirecionais produzem um “efeito manada”, a seu bel prazer, na sociedade em redes de comunicação em que vivemos, o melhor termo para o que ocorre é o *swarming*, ou, em português, “enxameamento”. As ideias se reúnem em grupos como enxames de abelhas, que apesar de terem comportamento semelhantes agem separadamente, com objetivos próprios.

Assim, entender o funcionamento e as dinâmicas de uma população conectada via Internet, e usar as mesmas ferramentas, é fundamental. Nesse sentido é temeroso o pouco e burocrático uso de canais como o Blog do Planalto e o Twitter da Dilma, que poderiam ter servido de boa ponte direta com a população e com coletivos que iniciaram os protestos. Pior, somente a falta de regulamentação dos meios de comunicação, cujas propostas objetivas, sistematizadas nos principais municípios e todos os estados brasileiros no processo da Confecom, em 2009, seguem, sequestradas, na gaveta do ministro Paulo Bernardo. O político, aliás, bem no meio de junho, concedeu longa entrevista à revista *Veja*, balu-



Agências bancárias são depredadas

arte da imprensa de extrema direita, em que é chamado de “bom petista” ao afirmar que o PT tem “obsessão de

cenurar a imprensa” e ao endossar a visão de que “os manifestantes estão protestando contra tudo”.

Um aperitivo da batalha midiática que está por vir pode ser visto na virada de junho para julho, com os jornais e revistas de circulação nacional decretando o fim do mandato de Dilma e imensas quedas na sua popularidade, ameaçando a reeleição em 2014

Vendo o perigo para o país e para o seu governo, a presidenta Dilma, por outro lado, decide falar diretamente com a população em um pronunciamento em rede nacional na noite de 21 de junho. Ela tenta contemporizar com os mais diversos setores e, até certo ponto, aceita a pauta “contra tudo” ditada pela mídia, citando a corrupção, as necessidades de melhorias na Educação e na Saúde e as “minorias truculentas”. Não deixa de falar, contudo, da história de luta pela democracia no país “para que a voz das ruas fosse ouvida”. E aí ela dá os informes essenciais: o anúncio de um pacto pela Mobilidade Urbana (para atacar a primeira e mais objetiva reivindicação dos protestos); a pressão para a aprovação, no Congresso, de 100% dos royalties do petróleo para a Educação; a “importação”

de médicos para atender melhor a população; e a disponibilidade de receber pessoalmente os representantes dos movimentos organizados, sindicalistas e políticos.

De fato, na segunda, 24, ela recebe todos os governadores e prefeitos das capitais para lançar na mesa uma proposta que pode realmente mudar o Brasil: um plebiscito sobre a Reforma Política que o Congresso, por seus interesses corporativos, não conseguiu votar nos últimos 30 anos. É um gesto político digno de uma grande estadista e que, segundo o especialista em sociedades em rede, o espanhol Manuel Castells, a separa de outros governantes por ser “a primeira líder mundial que presta atenção, que ouve as demandas de pessoas nas ruas”. Mais do que isso, a presidenta levou a oposição, que não poderia dar o braço a torcer, a dizer que consulta popular é antidemocrático. Depois de sentar com representantes do MPL e outros movimentos sociais, de receber os líderes das centrais sindicais e dos partidos aliados, Dilma viu, ainda, a oposição “tão democrática” se recusar a dialogar alegando que o convite foi feito muito em cima da hora.

Melhor do que isso, só se também estivessem na pauta mais visível as questões da violência policial e da democratização dos meios de comunicação. Ambas afetam diariamente a vida de milhões de brasileiros fora da elite econômica. A segunda, no entanto, seria de enorme ajuda nos próximos meses, para desfazer as mentiras disseminadas pela grande mídia. A disputa pela narrativa em torno da Reforma Política e da situação do Brasil e dos brasileiros será brutal. Um aperitivo da batalha



midiática que está por vir pode ser visto na virada de junho para julho, com os jornais e revistas de circulação nacional decretando o fim do mandato de Dilma e imensas quedas na sua popularidade, ameaçando a reeleição em 2014.

Os dados, contudo, continuam rolando. Se o plebiscito de fato ocorrer ainda esse ano, e para isso temos de ir às ruas e às redes para pressionar o Legislativo e o Judiciário, será uma oportunidade ímpar de atacar a principal fonte de corrupção política: o financiamento privado de campanhas. A partir daí haverá uma nova correlação de forças dentro do Congresso, com políticos, de todos os partidos, menos atrelados aos poderes econômicos. Com isso, todas as outras pautas tradicionais da esquerda brasileira, como a Reforma Agrária, a Democratização dos Meios de Comunicação, os Orçamentos Participativos, a melhor distribuição de renda, a questão da violência policial, a Reforma Urbana, o direito ao Transporte, à Saúde e à Educação gratuitos, a igualdade de gê-

neros, a memória histórica e punição dos crimes da ditadura, entre outras, poderão ser debatidas com muito mais transparência e democracia.

Junho acabou com o embate político empatado. Não houve um golpe rápido como no Paraguai, mas sua possibilidade ainda não pode ser ignorada. Sem dúvida a imagem da presidenta, e de todos os outros políticos, sofreu algum arranhão. Se bem que é cedo para a oposição “cantar vitória” e Dilma já havia demonstrado que responde melhor sob pressão. O MPL “entornou a garrafa” e já não importa “chorar sobre o leite derramado”. É hora dos verdadeiros democratas buscarem, nas ruas e nas redes, ouvir e falar com a massa dos brasileiros para impulsionar, também nas ruas e nas redes, as pautas que verdadeiramente interessam à maior parte da população. Para isso, temos de ser mais ágeis e criativos do que os detentores dos grandes veículos de comunicação, usando melhor do que eles os meios que nos restam: os digitais e o bom e velho boca a boca.



Invasões e pixações de prédios públicos

O dia a dia das manifestações em São Paulo

06/07 – Primeiro grande ato do Movimento Passe Livre (MPL) esse ano em São Paulo. Cerca de cinco mil manifestantes saem do Centro e são reprimidos com violência pela polícia com balas de borracha e bombas de gás. As depredações na região da avenida Paulista somente ocorrem depois de uma segunda leva de bombas e do início das detenções;

07/07 – Cerca de sete mil pessoas se reúnem no Largo da Batata, em Pinheiros. A passeata que ia pela avenida Faria Lima é desviada para a Marginal Pinheiros, na qual a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) fecha a pista local. Longe de todos a Tropa de Choque lança mais de dez bombas no meio dos manifestantes sem qualquer provocação. Dispersada a massa, depois de duas horas, 500 pessoas chegam à Paulista e negociam com o comando da Polícia Militar a caminhada final até o Museu de Artes de São Paulo (Masp), sem novos enfrentamentos;

08/07 – Uma manifestação diferente. Mais de 15 mil pessoas marcham pacificamente pela Paulista, Augusta, Consolação até a Praça da República pela liberalização da maconha. Apenas uma pessoa foi detida por posse de um “baseado”. Apesar das borrachadas da PM, não houve conflito e a marcha segue com shows de música até tarde da noite. Não há quase repercussão na mídia;

11/07 – Nova passeata pelo Passe Livre, dessa vez saindo da esquina da Consolação com a Paulista, sob intensa chuva. Ao chegar no Terminal Parque Dom Pedro, a polícia impede a entrada dos manifestantes que chegam a depredar alguns ônibus. Sozinho na frente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, um PM tenta prender um rapaz que pichava o prédio e é agredido. As cenas são apresentadas em todos os jornais no dia seguinte como prova da violência dos manifestantes;



Manifestantes no Largo da Batalha, Pinheiro, em São Paulo

13/07 – Editoriais dos principais jornais do estado pedem a repressão ao movimento e a liberação das vias para o tráfego. PM, Tropa de Choque e Cavalaria fecham as estações de Metrô e a circulação da Paulista por mais de três horas. Ainda na Consolação, manifestantes, jornalistas e transeuntes são alvo de tiros de bala de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. Pelo menos 15 jornalistas ficam feridos e centenas de cidadãos são detidos por portarem máscaras, lenços, vinagre, etc. As cenas de selvageria da polícia obrigam os meios de comunicação de massa a mudarem seu comportamento;

17/07 – Mais de 300 mil pessoas ocupam pacificamente, por horas, importantes vias da cidade. Com atuação discreta da polícia, não há qualquer tipo de violência ou depredação, nem ao menos pichação. Começam a aparecer cartazes e faixas contra a PEC-37. Grupos infiltrados gritam palavras de ordem contra os partidos e autoridades políticas federais e conseguem dividir a passeata em quatro frentes distantes, ocupando as avenidas Faria Lima, Paulista, Berrini e as duas pontes que servem de cenário para os jornais paulistas da Rede Globo.

Um grupo menor vai ao Palácio dos Bandeirantes e tenta entrar na sede do Governo do Estado;

18/07 – Os “manifestantes pacíficos” começam a ser diferenciados na grande mídia de “pequenos grupos de vândalos e baderneiros”. Aparentemente incitados por policiais à paisana, alguns jovens jogam pedras na sede da Prefeitura, tentam invadir o prédio e queimam um carro de reportagem da TV Record. A maior parte dos manifestantes segue para a avenida Paulista. Completamente abandonado pelos policiais, o Centro da cidade tem postos da polícia queimados, muros pichados, bancos e lojas saqueados e destruídos. No auge das depredações, alguém coloca fogo numa agência bancária sob um prédio ocupado por centenas de militantes sem-teto. Já perto das 23h, a Tropa de Choque finalmente aparece para mostrar os músculos e “passar o pente fino” na região já vazia;

20/07 – A vitória dos “coxinhas”. A imprensa noticia 100 mil pessoas, mas cerca de 50 mil tomam novamente a avenida Paulista. Grupos com bandeiras de partidos políticos são agredidos e rechaçados como “proveitadores oportunistas”.

Faixas e cartazes caros e bem feitos contra a PEC-37 se espelham rapidamente. Gritos e ordem contra o PT e o Governo Federal se somam a pautas que vão desde controle de gastos com a Copa do Mundo, até o combate à corrupção e a cassação de parlamentares. Os luminosos do prédio da Federação das Indústrias de São Paulo acendem em verde e amarelo com as formas da bandeira enquanto pessoas com nariz de palhaço e máscara de V de Vingança cantam o Hino Nacional. O MPL decide não chamar mais passeatas por causa da infiltração de grupos de extrema direita. A partir daí, manifestações as mais variadas, reunindo de poucas dezenas até alguns milhares, têm fechado a Paulista praticamente todos os dias. Os maiores enfrentamentos migram para as cidades-sede da Copa das Confederações. Passeatas menores e mais focadas (como as ocorridas na manhã de 25/07 nos extremos Sul e Leste da cidade, principalmente contra a violência policial) fecham ruas e estradas na Região Metropolitana e nas cidades do interior. A Tropa de Choque com suas balas de borracha, contudo, volta a fazer o de sempre: garantir o sagrado direito de propriedade em violentas reintegrações de posse decididas pela Justiça.